

DF - Educação
meio ambiente, sexualidade
formar melhores cidadãos

DO A VIVER



Márcia Vitória
Da equipe do **Correio**

Dizem que mais difícil do que adquirir novos conhecimentos é conseguir desprender-se dos velhos. Mas descobrir e praticar uma forma de ensino inovadora e abandonar velhas fórmulas se tornou, nos últimos anos, objetivo de muitas escolas brasileiras. E o que não falta é criatividade.

Na quinta série do Inei da Asa Sul, os alunos aprendem números decimais vivendo, na prática, a rotina de um banco. Cada aluno recebe folhas onde estão impressos extratos, balancete do caixa e até tabela de preços. No lugar de operações financeiras a tabela de preços indica: não fazer dever de casa paga multa de R\$ 5,33. Tarefas incompletas o valor é menor, R\$ 0,92.

Em contrapartida, se o aluno faz tudo certo pode ganhar um prêmio de R\$ 4,25. Falar junto com a professora sai caro, R\$ 24,72. Comportamentos e atitudes têm boa cotação no mercado educacional contemporâneo. Por isso, quem "comete" irresponsabilidades, pára a aula ou lança vaias sobre os colegas paga as multas mais caras.

Não é todo dia que o banco abre. Mas quando acontece, um aluno fica responsável pelo caixa. Além disso, cada um é

responsável pela própria conta e deve anotar no extrato quanto gastou, quanto deve e o crédito final. Divididos em quatro grupos, os 25 estudantes devem prestar contas ao caixa, que deve fechar sem erros, no fim da aula. O dinheiro, claro, não é verdadeiro. São cédulas de brinquedo.

Desenvolvida pela professora Maria do Carmo Nogueira, que faz as vezes de banco central, a estratégia tem como objetivo estimular o aprendizado e desenvolver habilidades aproximando a realidade externa da experiência em sala de aula. "Além de trabalhar o conteúdo procurei abordar temas transversais e oferecer aos alunos um maior entendimento da realidade em que estão inseridos", explica a professora de matemática.

PAPEL SOCIAL

Não se ater apenas ao ensino do conteúdo faz parte da nova proposta do Ministério da Educação (MEC), que, em 1997 e 1998, distribuiu para todas as escolas os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). O material elaborado serve de referência para escolas do ensino fundamental. É um conjunto de dez livros que falam sobre como, o que, e para que aprender na escola.

"Esse trabalho discute o papel social da escola. Propõe conteúdos fundamentais para

cada etapa. Além das disciplinas tradicionais aborda questões que permeiam a vida de todos. O principal papel da escola é oferecer uma formação voltada para a cidadania. É preciso conhecer a realidade social, seus problemas e saber como resolvê-los da melhor forma", esclarece Neide Nogueira, assessora da Secretaria de Ensino Fundamental do MEC. Foi assim que temas como ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, pluralidade cultural, trabalho e consumo passaram a ser incorporados em todas as disciplinas — chamados de temas transversais.

O plano vale também para a educação infantil, só que ganhou outro nome: Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Diferente do

"O PRINCIPAL PAPEL DA ESCOLA É OFERECER UMA FORMAÇÃO VOLTADA PARA A CIDADANIA"

NEIDE NOGUEIRA

assessora da Secretaria de Ensino Fundamental do MEC

ensino fundamental, na pré-escola os professores são orientados a trabalhar eixos como artes visuais, música, linguagem oral e escrita, natureza, sociedade, movimento e matemática.

"É importante que o aluno aprenda a desenvolver habilidades desde cedo para ser competente. Quando tiver que resolver um problema pessoal ou profissional ele deve ser capaz de tomar a decisão certa. Excesso de conteúdo não capacita ninguém para viver no mundo de hoje", avalia Solange Foizer Silva, 39 anos, diretora da Diretoria da Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Sem desprezar os conteúdos tradicionais, mas de olho no desenvolvimento das habilidades subjetivas, a nova maneira de ensinar prioriza o senso crítico, não despreza o contexto social no qual o aluno está inserido, além de ser um estímulo para que os professores se atualizem. "O professor que aprendeu nos moldes antigos, tem que se reciclar e empreender muitos esforços para se adaptar a essa nova realidade. Antes, quem ensinava tinha que cumprir uma listagem de conteúdo independente da realidade do aluno. Hoje, tem que contextualizar os temas de acordo com o cotidiano", completa Solange Foizer.

Diante da novidade, a maior parte das escolas precisou

reorganizar o planejamento escolar. Muitas começaram o ano com uma proposta nova elaborada a partir dos PCN. "Antes cada escola tinha um projeto pedagógico. Agora todos seguem um eixo comum que pode ser adaptado a cada realidade", reconhece Silvia Maria Quintanilha Rezende, 38 anos, coordenadora pedagógica de primeira a quarta séries do Colégio Madre Carmem Salles.

No Colégio Marista os alunos do Jardim I foram até a chácara de um amiguinho, Matheus Barra de Souza, quatro anos, plantar cenoura, beterraba e alface e conhecer alguns animais. Como estavam aprendendo sobre preservação da natureza, os pais de Matheus resolveram convidar os colegas para uma maior integração com a terra. Cada um abriu uma covinha no chão, espalhou sementes e regou. O produto final chegou até eles algum tempo depois. Foi o próprio Matheus quem entregou as verduras que todos plantaram. "Para fazer uma salada em casa", explicou o menino.

"Nossa preocupação é oferecer uma formação que vá além do cognitivo. Só conteúdo não possibilita a formação do ser humano crítico, transformador, ético. Na prática, é preciso oferecer condições para isso", diz Cristina Del Isola, coordenadora pedagógica da educação infantil do Marista há 23 anos.